

**QUINTA-FEIRA**  
Lisboa--9 de Agosto --1928

**5 TOSTÕES**

**3.º ANO**

foi visado pela Comissão de Censura

**116**

# sempre **o** semanário humorístico



**fixo**

6-Avença  
Ex. mo Sr.  
Kol de Alvarenga  
Rua Brito Capelo, N. 2  
MATOZINHOS

Propriedade  
**RENASCENÇA**  
S. A. R. L  
RUA LUZ SOR!

DIRECTOR E EDITOR

**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TEL. T. 152, 153, 154  
RUA DA ROSA, 57

# Inovações...

A  
CLASSICA  
CALDEIRINHA  
SUBSTITUIDA



POR  
FRASCOS  
SERVIDOS  
A LOÇÃO  
OU ESSENCIA!



Não nos surpreenderá que  
passe a usar-se sifão

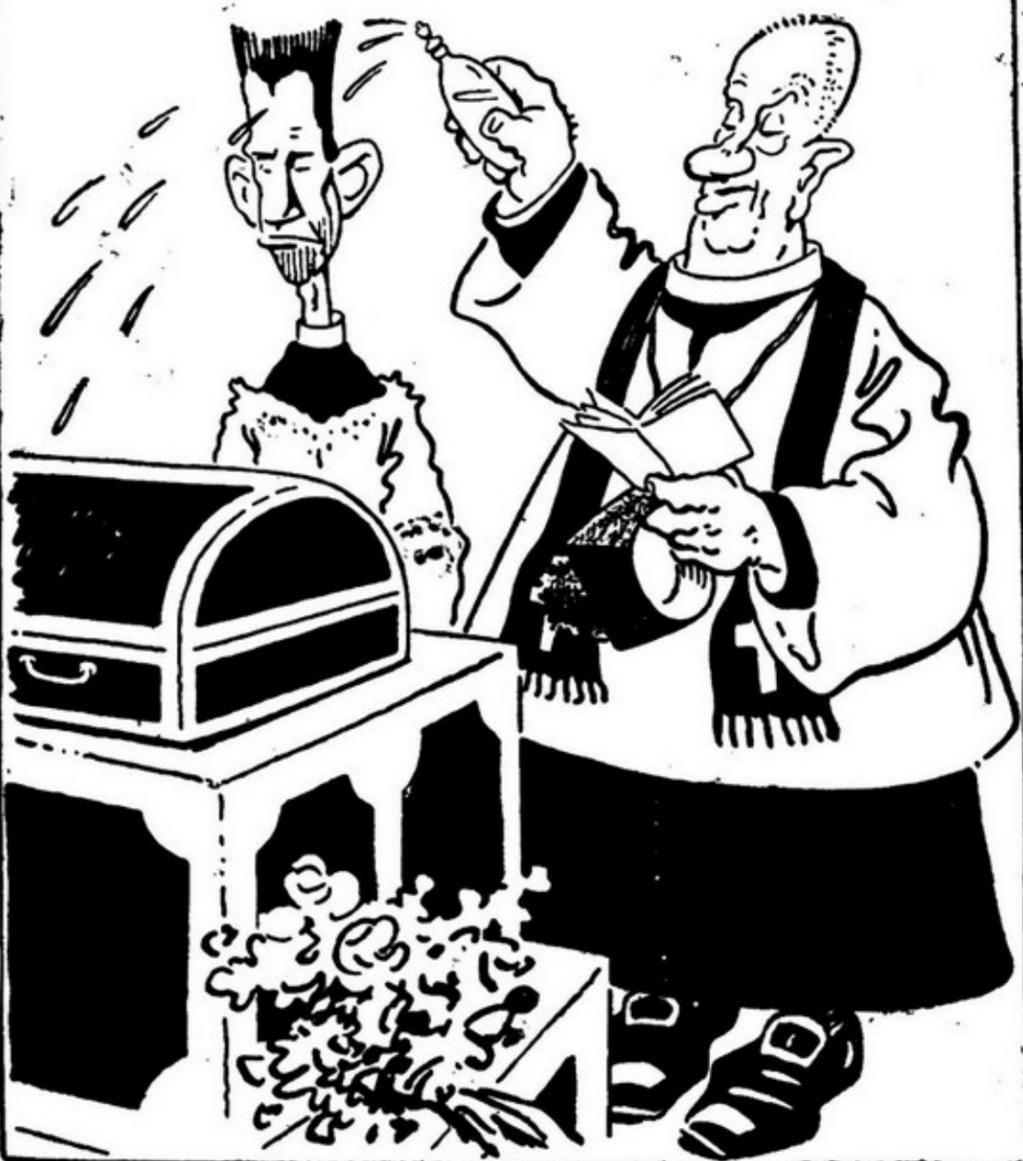


ou vaporizador



e que os resposos  
sejam rezados  
pelos discos  
COLUMBIA

REQUIES-  
CAT IN  
PACE!



A. Valença



# Os ditos da semana

## A dança das paragens

A Companhia Carris inventou uma nova dança: — a dança das paragens. Antigamente a bandeira de paragem tinha um local certo — o proprio poste da Companhia e, quando de todo em todo não era possível utiliza-lo para esse fim, servia um candieiro da iluminação. Quem precisava de tomar um carro, ia pela rua abaixo, de naris no ar, até dar de ventas com o candieiro.

Agora tudo mudou.

Ha bandeiras de paragem nos fios electricos, nos postes telefonicos, no tecto dos mictorios, nos galhos das arvores e, se um passageiro se descuida muito tempo parado numa paragem, ferram-lhe com uma bandeira no chapeu de côco.

Com a contradança das paragens, veiu tambem a contradança das zonas e com a contradança das zonas, a contradança dos passageiros sem saberem onde hão-de tomar o carro para lhes sair mais barata a viagem.

O publico protesta, mas o

publico é portuguez, fala portuguez e não pôde ser entendido pela Companhia.

O publico lamenta-se, o publico chora, mas apesar da lagrima ser internacional a fleugmaingleza não se move.

Anda toda a gente a prégar no deserto e as paragens e as zonas continuam a mudar tão vertiginosamente que uma pessoa que tinha, á noite, uma paragem á porta, encontra-a, na manhã seguinte, quinhentos metros para baixo ou para cima.

Ha quem tenha tido a ilusão de que a rua estendeu ou que a sua casa anda a fingir de serra de Trancão, correndo por seu pé, sem cavalos nem nada, como se fosse um carro electrico sem rodas.

E no meio disto tudo, só os assinantes se estão a rir. A esses tanto faz que a zona estenda, como que a zona encolha. Quando o condutor se apresenta para cortar bilhete, o assinante mostra-lhe discretamente o forro do casaco e o homem vae-se embora.

Mas nem todos são assinantes...

## Devorado não. Infelizmente comido

A celeuma que se levantou nos jornaes não tinha razão de ser. Nós proprios caímos no logro, ou melhor, não tivemos a visão clara dos acontecimentos.

Mas como não ha fumo sem fogo, deitamo-nos a desvendar a origem do boato. Verdadeiros Sherlock Holmes que somos, de dedução em dedução chegamos á descoberta da verdade.

Estudamos as circunstancias em que se encontravam os naufragos do «Italia», a sua indumentaria, as suas necessidades, as pegadas do gelo—para o que mandamos ao Polo um dos nossos redactores—e concluímos: se o major Mariano foi encontrado em cuecas, é porque não estava ainda para ir para a panela, não havendo portanto razão, para se afirmar que o outro tencionava guiza-lo. E se de Malmgreen não apareceu nem a ponta de uma unha é porque fatalmente desapareceu nos gelos ou se afundou no mar, porque Zappi, por mais antropofago que fosse, não era capaz de devorarlo integralmente.

Demais, sempre nos pareceu estranho que ele fosse capaz de devorar o companheiro. Diz-se que a carne humana é adocicada e isso bastaria

Desmente-se que o tenente Zappi tivesse comido o professor sueco Malmgreen.

para que Zappi lhe tivesse absoluta repugnancia.

Deve ser horrivel o cheiro das costeletas humanas, quando se sabe que são humanas. Disfarçadas com molhos picantes, com mostarda ou caril] talvez escapem, mas assim ao natural, sem uma saladinha de pepino a acompanhar, devem ser intragaveis.

Em todo o caso os suecos garantem e juram que o seu compatriota foi comido. Só se foi de cebolada.

## Linchado e vivo

Um grande jornal, daqueles que sabem muito da America moderna, mas não se preocupa nada com a America antiga, a ponto de conhecer o concurso de Galwston, mas desconhecer a lei de Lynch, noticiando um crime horroroso, ocorrido na semana passada, inventou este titulo piramidal—O criminoso foi linchado pelo povo, achando-se em estado gravissimo.

Avaliamos facilmente a gravidade do estado do criminoso. Cremos mesmo que o pobre homem ficou tão malferido que nem poderá consultar o Dicionario de Candido de Figueiredo, para saber o que significa o verbo linchar.

Cintra Da «Papelaria Palhares», recebemos alguns horarios da linha de Cintra. Agradecemos, mas agradeceríamos mais um bilhete de assinatura da mesma linha.



## A grande ingenuidade dos cães

— Porque diabo será que toda a gente que passa olha tanto para nós?

## A tentação do côco

Mal sabia Pedro Alvares Cabral, o glorioso navegador e precursor da panificação nacional, quando no ano de quinze tostões descobriu o Pão de Assucar, que quatro seculos depois ainda os luzos gulosos d'Aquem Atlantico iam molhar a sua sopinha na bahia de Guanabara.

Pois é certo, certissimo!  
Encontrei, ha dias, um portuguezinho arguto, um camaradinho dos muitos que abalam para terras de Santa Cruz em busca de notas:

— Vou ao Brasil, sabes?! Vou tratar de um assunto rendoso, infalivel... negocio de letras...

— Já sei, — retorqui-lhe — vais cantar os *Luziadas* em letras esmaltadas...

— Nada de *blague*. Não se trata disso... Eu te conto em poucas palavras o meu plano e verás como achas optimo.

«A auspiciosa viagem de tantos dos nossos varões illustres ao Brasil, desde Romão Gonçalves ao sensitivo poeta Lopes Vieira, todos, mais ou menos, embaixadores de qualquer coisa, despertou-me o desejo de embarcar e procurar no outro lado do Atlantico a nossa Irmã Patria e dizer-lhe: — Olha, querida mana, eu andava por lá muito *em baixo*... de fundos, mesmo a tenir... E, então, disse com os meus dentes: — E se eu me fizesse *embaixador* como os outros, visto que andamos «todos ao mesmo»?

«Eis-me, portanto, aqui, portador de valiosas letras a prazo longo, para o desenvolvimento da grande mina fluminense de patacas, um verdadeiro filão que nunca mais acaba... Querres proteger-me? Poderás dar-me o teu fraternal apoio, que é tambem o ressurgimento da *raça*?!...»

«Agora, estás a vêr... Ela, com certeza, não diz que não; comove-se, cai-me nos braços e eu fico garantido; dou por lá umas voltas, arrumo o negocio, conferencia aqui, reunião acolá, *forróbódó* literario com musica e presentes, etc., e depois volto, cumprida a minha missão, trazendo aos meus compatriotas a certeza de que aquilo por lá ainda é uma grande mina e de que poderemos fazer, por cá, com o auxilio divino, bem entendido, um Portugal maior»

«Que tal? Ein?!...»

— Acho, realmente, esplendido!  
— E porque não vens comigo? Embarcavas, na sexta-feira, no *Aventura*; por modos estás tambem quasi *embaixador*... e eu dava-te sociedade.

— Obrigadinho... Mas eu é que não vou nesse *bote*. Vai tu e... boa viagem.

Pig-Meu

# ARTI



A tinta mais reputada para tingir toda e qualquer especie de tecidos. A que mais tinge, cores firmes e garantidas. Não desbota á luz, nem na lavagem. **IMPORTANTE** — Sempre que peçam a tinta **ARTI**, regeitem qualquer outra marca que lhes queiram vender, embora lhes digam que dá o mesmo resultado, pois só a **ARTI** tinge assim.  
**A' venda nas drogarias**

## RICOS E POBRES

# Wenceslao e a riqueza

Wenceslao tem da riqueza um conceito que me parece oportuno nestes primeiros dias dum mês em que os pobres são os que não podem sair de Lisboa e os ricos todos aqueles com *superavit* para irem veraneiar, para «irem para fóra». A esta oportunidade, junta-se a do novo orçamento, que permitiu a todos nós considerarmos-nos subditos dum país, senão rico, pelo menos remediado.

Vejamos, pois, o que Wenceslao Fernandez Florez diz da materia:

«O conceito da riqueza é muito variavel. O mendigo considera capitalista o humilde burocrata que tem uma camisa limpa. Este burocrata suspira invejosamente quando, aos domingos e levando a esposa a reboque, passa ante o *chalet* de cincoenta contos que o tendeiro edificou nos arrabaldes da cidade. E o tendeiro sai algumas vezes á estrada para espalhar tachas só pelo prazer de reventar os pneumáticos do capitalista que pode ter automovel.

Antes da guerra não se conheciam os ricos, ou antes os novos ricos. Havia, é certo, pessoas que tomavam café todos os dias; mas raros iam ao teatro pagando e rarissimos liam livros que não fossem oferecidos pelos autores. Quando extraordinariamente compravam uma lagosta, envernizavam a carcassa que ficava na casa de jantar, não só para recordar o feliz acontecimento, mas ainda para reduzir o custo do que assim era *bibélet* depois de ter sido alimento.

As viagens ao estrangeiro não iam além de Paris. E quando, uma vez na vida, se ia a Paris, os jornais anunciavam o acontecimento durante um mês: «Diz-se que um opulento patricio nosso projecta realizar uma viagem a Paris». Depois aclaravam: «Parece confirmar-se que um opulento patricio nosso está resolvido a partir para Paris». E mais tarde informavam: «Entre a alta sociedade comenta-se muito a viagem que brevemente fará a Paris um nosso opulento patricio». E, por fim, afirmavam: «Partiu ontem para a capital da França o opulento proprietario sr. N. N., nosso querido amigo e assitante».

E não era estranho que o mesmo jornal esclarecesse honradamente: «A proposito de viagem do sr. N. N., devemos recordar que não é o primeiro caso que se regista entre nós. O milionario X. tambem visitou a Cidade».

Luz ha quinze anos. Foi o proprio sr. X. que veio ontem á nossa redacção esclarecer o caso.»

Com a guerra, ganhou-se tanto dinheiro que muita gente não sabia o que fazer com ele. Os que tomavam um café, passaram a tomar dois. Outros, mais instruidos da vida elegante, substituíram o café por chá com bolos. As viagens alargaram-se de Paris para Londres, e alguns ricos curiosos foram vêr as trincheiras da guerra em viagens da Agencia Cook, mas trouxeram tal quantidade de granadas, armas usadas e capacetes alemães que, mais que viagem de recreio e despesa, foi viagem de exploração e lucro.

Mas estes ricos são os menos antipáticos; os piores são os ricos apenas para serem ricos, os que fazem parte da riqueza organizada, dessa riqueza que constitue uma maçonaria e que nos pretende convencer de que ser rico é a maior das calamidades que pode acontecer a um homem. A sua habilidade chegou até sofismar as Sagradas Escrituras.

Gostaria que se abrisse um inquerito para averiguar se Cristo afirmou ser mais difficil a entrada dum rico no céu, que a passagem dum camêlo pelo fundo duma agulha. Tenho fundadas suspeitas de que Jesus declarou apenas que os ricos não podiam entrar no céu com os seus camêlos. Mas a frase, convenientemente reformada, está sendo, ha seculos, objecto duma exploração indecorosa por parte dos ricos.

Quando um pobre inveja a casa luxuosa dum rico é certo ouvi-los suspirar:

— E de que me vale tudo isso, se um camêlo não pode passar pelo fundo duma agulha?

— Um camêlo?

— Claro e é por isso mesmo que eu, sendo rico, nunca poderei entrar no céu!

E o pobre é tão pobre de espirito que acredita e chega a lamentar o rico, coitadinho, que não pode entrar no céu.

Esta velha habilidade dos hypocritas que teem o céu na terra serve, apenas, para consolar os pobres que vivem no inferno da miséria e com os olhos postos no céu... depois de mortos.»

Pela tradução,

Perez la chaise.



— Já sei que vai pedir a mão da Maria Julia. Qual delas pede você?

— A esquerda. Ela é canhota...

## Melhoramentos

A Camara mandou reparar á escovinha, todos os postes de iluminação publica da Avenida e do Rossio. Em substituição, tem colocado alguns paus de bandeira com lampeões, que dão ás ruas um aspecto de arraial fóra de portas.

Nalgumas arterias, os postes não foram completamente rapados, mas apenas aparados á *Garçonne*, dando a impressão de que os candieiros se puzeram de cocoras com receio das bernardas. Isto traz intrigada muita gente, que não sabe a que attribuir esta furia destruidora, que começou pelas arvores, já atingiu os candieiros e acabará decerto nos monumentos citadinos.

Das varias conjecturas e suposições do publico, vai o *Sempre Flee* fornecer aos seus leitores um breve relato, para que cada um possa adoptar a explicação que mais lhe convier.

Dizem uns que os tais candieiros a meio pau são destinados aos peões que desejem lêr os jornais da noite na via publica, o que não conseguiam com uma iluminação tão má, collocada lá tão alto. Assim, qualquer cidadão, encostado a um poste, terá a impressão de estar comodamente no seu gabinete com a luz collocada á medida dos seus desejos.

Outros são de parecer que este sistema de iluminação, assim estropeado e de aspecto desolador, é adoptado para melhor poder harmonizar-se com o aspecto arruinado, esburacado e empoeirado das varias ruas, dando assim aos estrangeiros a impressão duma cidade perfeitamente adaptada a movimentos revolucionarios.

Nem sequer faltam as trincheiras ao longo dos passeios, prontos a abrigar os combatentes e os gazes asfixiantes produzidos pelas varias sargentas de grande potencia gazosa.

Ainda outros, e deve ser esta a versão mais verdadeira — supõem que...

Como os postes da iluminação estão sendo pouco a pouco transplantados para o Aterro, é natural que o fim vizado seja o seguinte:

A luz produzida era fraca; os candieiros não davam luz sufficiente, e assim, precisamente como se faz com os arbustos, é natural que se experimente plantá-los á beira-mar, para vêr se a luz cresce um pouco mais, para vêr se noutro terreno e com outro ar se tornam mais férteis, mais produtivos e se dão frutos mais illuminantes, e não aquelas pèras raquíticas que não davam luz nenhuma. Emfim, para vêr se ficam uns candieiros e pèras.

Mas, seja o que fór, o certo é que, enquanto duram as experiencias, ninguém deve, á noite, aventurar-se pelas ruas da Baixa, sem um farol de automovel ou, pelo menos, um pavio indicador de transito, sob pena de ser atropelado como Socrates por algum recruta.

A. C.



— Achava-me junto dela quando a ouvi chamar pedindo socorro e se não fosse a minha presença de espirito, estava morta á estas horas.

— Deu-te muito trabalho?  
— Pois decerto! Ainda estou rouco de tanto gritar pelo banheiro para que a fosse salvar...



POR UNANIMIDADE

Jeronimo Taveira, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, desejava a todo o transe doutorar-se, a fim de vir a ser lente. Mas, como os professores catedráticos soubessem a sua aspiração, logo lhe fizeram chegar aos ouvidos que, se ele se atrevesse a tal, ficaria irremediavelmente reprovado, pois não lhe achavam qualidades suficientes para ser lente, porque, apesar das qualidades de trabalho lhe sobrarem, faltavam-lhe as qualidades de intelligencia.

Jeronimo Taveira, porém, teimou em fazer acto. A reprovação era certa, por unanimidade, porque a isso se tinham comprometido os mestres, mas ele caprichava em não desistir, em não se mostrar vencido por eles.

Bem sabia ele que cada um dos lentes, no fim do acto, segundo o velho costume universitario de se fazer a votação por bolas pretas e brancas, lhe deitaria uma bola preta, que representava a sua condenação.

Era uma vergonha. Com esse pretexto, Jeronimo Taveira procurou individualmente todos os lentes e contou-lhes a seguinte historia:

— Bem sei que hei de ser reprovado, mas não queria sê-lo por unanimidade; por isso vinha pedir a V. Ex.ª que me desse uma bola branca, o que não evita a reprovação, mas atenua um pouco a vergonha. E' uma fineza que V. Ex.ª me faz e de que ninguém terá conhecimento.

Fez isto a todos e todos prometeram votar com bola branca.

Assim foi Jeronimo Taveira para o acto.

Acabada a defeza da tése e reunido o jurí, fez-se a votação e, aberta a urna, o bedel tirou a primeira bola:

— Branca! — disse o bedel.

Logo todos os lentes, desconhecendo o estratagemma, murmuraram para consigo:

— E' a minha!...

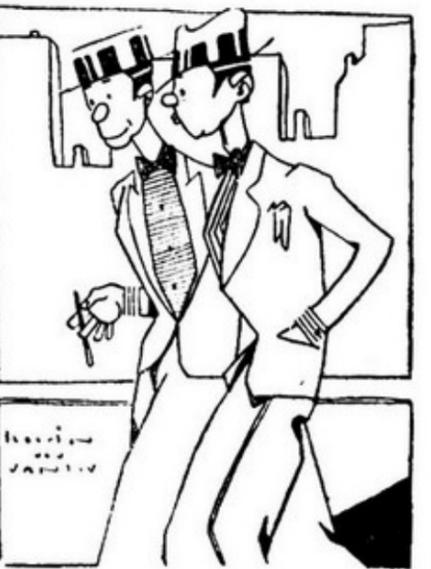
Mas o seu pasmo foi crescendo successivamente, conforme o bedel ia dizendo a côr das bolas, pois todas elas eram brancas.

Jeronimo Taveira estava aprovado por unanimidade.



— Que satisfação saber a gente que nunca teve uma unica nodoa.

— Oh! filho, lembra-te que ainda hoje te tirei duas do colete.



— E' um malandro. Já abusou da minha confiança!

— Como foi isso?

— Pedi-lhe um dia cincoenta escudos emprestados, e o patife só me emprestou vinte...

Casamento elegante

Consoceiou-se ontem o conhecido *Ret do Eter*, Ex.ª Sr. José Maldonado e Bolas, com a *mademoiselle* Graziela e Soisa. Foram padrinhos, por parte da noiva, o seu pai, o consagrado desportista Glutão e Soisa, que ultimamente, no Stadium de Bemfica, alcançou um retumbante exito pela maneira como derrotou um *pic-nic*.

Sua esposa, D. Candida e Soisa, foi a madrinha. Senhora extremamente culta, recitou com bastante folego uma bela poesia do grande poeta Sevilha, que recentemente foi convidado a colaborar no grande periodico *Borda d'Agua*.

Por parte do noivo, foram padrinhos os afamados Boaventuras, que ainda ha bem pouco tempo sofreram nas suas quintas de Sarilhos uma enorme perda por o *mildio* ter atacado as hortaliças, especializando o tuberculo nabo.

Nesta interessante tarde foram berdados lacrimosos discursos, achando-se o noivo um tanto comovido devido ao seu temperamento linfatico, mas que no entanto não impediu que recitasse, depois de alguns constantes pedidos, as seguintes e novas poesias:

*O Metro, O Estudante Alsaciano e Pois sim, rala-te*, onde foi fenomenal e esqualido.

A noiva, a D. Soisa, foi um mimo, cantando as *Rosas* e o *Cobre-me*, sobretudo — e não digo casaco porque não o tinha — foi sublimada nesta ultima canção, revelando-se uma prometedora esperanza para a scena.

Seria bom que os nossos emprezaros modernos vissem esta mulher, que poderá vir a ser ainda mais uma *estrêla* para o nosso constelado teatro.

O marido, o Bolas, estava radiante.

Entre os discursos, destacaremos o da presidente das «Ligas Feministas», sr.ª D. Lico, que defendeu os interesses das mulheres, revoltando-se contra as serzidelas nas peugas e exaltando as qualidades do Bolas e de todos os Bolas. Extremamente graciosa, mostrou a todos os presentes a sua grande graça e agilidade no genero mastigação.

Na *corbeille* dos noivos viam-se valiosas prendas. Citaremos algumas ao acaso:

Dois lindos bacalhaus suecos, um par de jarras das Caldas, dois pares de ligas, oferecidos pelo primo da noiva, uma armadura toda em ferro, dos tempos da pedra, offe ida ao noivo pelos avós que entraram na batalha do Salado, 500 escudos novinhos, uma opera do José, duas tranças em *discuit*, palitos de la Reine, telegramas, um deles de Mafra, terra dos grandes sinos de bronze, cartões, flores, etc., etc.

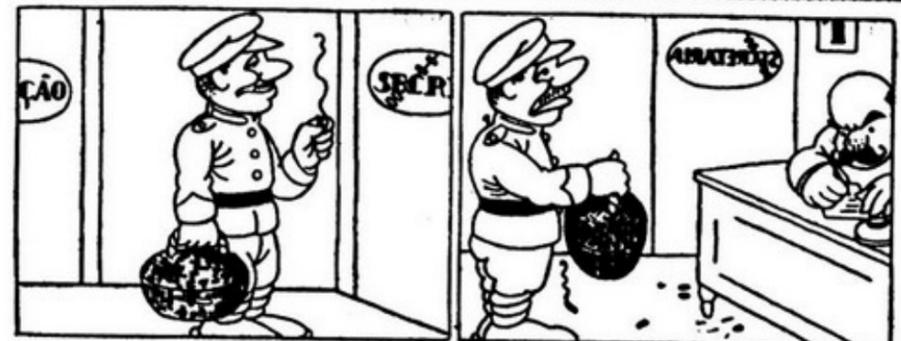
O *copo de agua* foi servido pela pastelaria «As Velhas», que se esmerou, apresentando-nos, entre os numerosos doces, uns deliciosos pastéis de feijão com hortaliça, regados com compota de Napoles, e ainda *puclings* de rabanetes, encomendados expressamente pelo noivo para oferecer a sua noiva, a D. Graziela.

Queimaram-se ainda alguns «Abanos» e «Turquesas» das melhores fabricas, sendo bebido um sublime *champagne* tinto, da Terre Portugaise de D. Josef Marief dos Santels.

Foi uma tarde encantadora.

Os noivos seguiram para Timor, para passar a Lua.

Armando Mariano



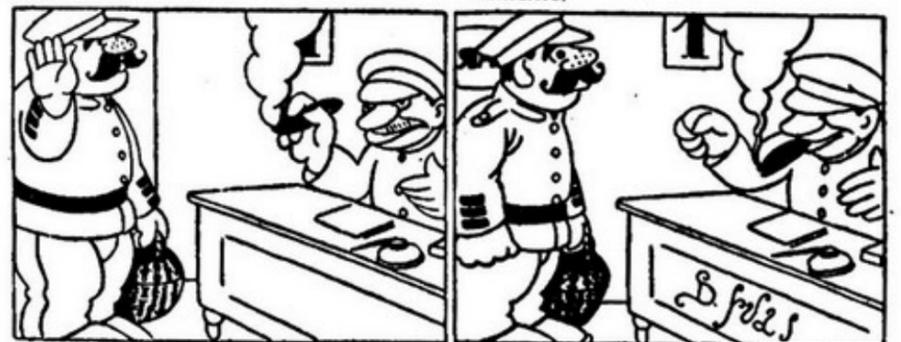
— Ando sempre a trazer presentes do meu tenente para o coronel e ele nunca me deu nem um centavo.

— Aqui está isto! — gritou o Zé Maria, ao entrar no gabinete do coronel, sem ao menos pedir licença.



— Olha, Zé Maria, tu não sabes entrar doutra maneira? Pois, para aprenderes, senta-te a esta mesa e finge que és o coronel e eu o soldado.

O Zé Maria sentou-se como lhe haviam dito e, para melhor imitar o coronel, tirou de dentro duma gaveta um charuto, que acendeu tranquillamente.



O coronel, da porta: — Dá licença, meu coronel? — Entra, rapaz! — respondeu o Zé Maria. — Que trazes? — Uns chouriços que manda o meu tenente.

— Bem. Leva-os á cosinheira. — A's suas ordens, meu coronel. Quer mais alguma coisa? — Não, rapaz, muito obrigado. Toma lá estes dois escudos para cigarros...

Elevador da Gloria

Em Lisboa sempre succede cada uma! Já não se pode namorar senão á razão de 400 escudos. Foi quanto pagou, por sentença do tribunal, um simpatico mancebo que se encontrou com uma não menos simpatica menina, em frente da esquadra da Alegria.

Os pombinhos arrulharam docemente, prometendo-se casamento para breve e meninos para depois, quando o policia que guardava o posto, decerto celibatario ou divorciado, interveio com decisão:

— Não permito namoros na via publica!

— Mas porquê, sr. guarda? Para se casar é preciso namorar. Até por anuncio.

— Isso era dantes! Tenho ordens para evitar...

— A reprodução dos sexos?...

— Não, para evitar os ajuntamentos de duas pessoas com fins intimos.

— Mas o sr. guarda no repara que ainda estamos separados?

— Separado vai ser o senhor.

E assim foi. A Ofelia chorou acto continuo lagrimas de sangue. E o moço Hamlet, desgrenhado e confuso, botou fala á sombra paterna, que não lhe respondeu por estar a dormir no outro mundo.

O caso é grave. Se um homem não pode namorar em Lisboa, o que lhe fica reservado? Não ha logica que responda a esta pergunta, nem mesmo a do mais ardiloso e intransigente policia. Reprimir a especie é matar os sexos. Quando dantes se ia para a Praça da Alegria ou para qualquer outra praça, onde a não houvesse, saía-se de lá satisfeito.

Falava-se dos passarinhos e em verso, choviam rimas, quando não eram beijos. O transeunte passava e fingia não vêr. Já tinha feito o mesmo no seu tempo, sem que ninguém se queixasse. Hoje é o contrario. Está-se no meio da declaração. A dama, esbrazeada por tanto fogo, quasi que desmaia. Jura que é feliz, que nunca sentiu amizade tão profunda. Nisto vem a policia. E lá se vai a conquista para o Posto Antropometrico, e o conquistador, aflito e sem vintem, dormir vinte e quatro horas a ferros da lei.

E' de concordar que se fica com ferro — e com razão. Não ha direito de destruir assim uma felicidade, de perturbar a poesia nacional, de aniquillar um enlace prometedor. Estamos convencidos de que, se as servicais fossem menos ariscas com a policia civica, esta compreenderia que qualquer cidadão tem direito a desabafar o seu amor, na vida publica, que é, afinal, onde ele não causa dano de maior...

O comboio de Alcabideche

Diz um jornal da manhã de segunda-feira, 6, que o automovel 3.930 «ao chegar a Alcabideche perdeu a direcção, indo abalroar com um comboio. O local estava deserto...»

Acreditamos que o local estivesse deserto, sobretudo deserto de comboios...

Este abalroamento com o comboio de Alcabideche lembra-nos as manobras navais da esquadra suissa, o metropolitano do Rossio e os carros electricos de Caneças.



A mãe: — Ouve, Chico, que fazes aí sósinho? Estás aborrecido?

O peiz: — Três arvores sem folhas, quatro casas e cinco formigas. Isto é veranejar? Foi para isto que saímos nos ecos da sociedade?

# BOM HUMOR

— Que me dizes do *raid* aereo Brest-Açores-Bermudas-Nova York?  
— Homem, parece-me que seria melhor e mais substancioso o *raid* Vermetes-ilhas Sandwich.

\* \* \*

Ela: — Confesso-te, querida, que as tuas contas *gelam-me* os nervos!  
Ela: — Que contente estou. Supostas tão mal o calor...

\* \* \*

Lição de commercio:  
O novo caixeiro: — Um freguês pergunta se esta camisa não encolherá.  
O patrão: — E' gordo?  
O caixeiro: — E' sim, senhor!  
O patrão: — Então, claro que encolhe...

\* \* \*

— Não te aproximes do cão. Como não te conhece, é capaz de te morder.  
— Diz-lhe que me chamo Miguel...

\* \* \*

Numa estação de caminho de ferro:  
O viajante: — Mas você julga que eu tenho tempo de comer, em cinco minutos, uma galinha tão quente?  
O criado: — Não faz mal. Lembre-se o senhor que ha muita gente para comer e que só temos duas galinhas...

\* \* \*

Entrevista com um domador:  
— Não teve medo quando entrou pela primeira vez na jaula dos leões?  
— Tive, porque me disseram que o animal tinha pulgas...

\* \* \*

— Até que enfim, vos encontro. Bandido! Assassino! Ladrão!  
— Caluda! Quero guardar o incognito...

\* \* \*

— Tenho a certeza que o senhor é um gatuno.  
— O que diz, cavalheiro!  
— Não se irrite... Quero ser seu associado...

\* \* \*

— Mamã! Vamos vêr aquele homem que está ali na rua atropelado?  
— Não merece a pena, filho. Mais adiante encontraremos outro...

\* \* \*

— O que tens a dizer de tua mulher? De que te queixas?  
— O ser precisamente minha mulher...



— Uma esmola para minha mãezinha que é parálitica dos braços e das pernas.  
— Onde está ela?  
— Está em casa lavando roupa.

**Sortes grandest**  
só o **FINA** as vende  
75 — Rua de S. Paulo — 77

# O MUSICO DO CIRCO

Vamos contar-lhes uma historia triste, mas hão de prometer-nos que não choram.

Combinado? Então, vamos lá.

O caso dos amôres infelizes duma linda pequena, palida e inocente como os lírios, *fausse-maitre*, olhos negros como amoras, labios de romã, fortes, sensuais, sobre os quais qualquer mortal, por mais inofensivo que seja, desejaria descansar num prolongado osculo, gengivas de coral, três incisivos e um molar obturados, os restantes dentes cariados.

A scena passa-se numa das elegantes praias arrabaldinas, a poucos quilometros da capital.

A *troupe* Roskoff, composta dos melhores numeros de circo, tinha chegado na manhã daquele dia. Rufam os tambores pelas ruas da aldeia, anunciando o primeiro espectáculo de circo á colonia balnear.

Haviam-se armado as barracas num campo gentilmente cedido por um proprietario do local. Os leões tinham já sido descidos do *camion* que os transportara e estavam compondo a *toilette*. Havia um que, sentindo-se incomodado do estomago, por ter comido de manhã um cão «dulú» muito felpudo, tomava uma chavena de chá.

Val-se enchendo a sala para o primeiro espectáculo.

Mimi Biscoito — eis o nome da nossa heroína — acaba de chegar. Vem deslumbrante de beleza. Realçando a sua tez palida, um vestido cõr de fogo, como os seus labios grossos, sensuais, suplicantes de beijos.

Na *troupe* trabalha um distinto musico, verdadeiramente simpatico, segundo dizem os entendidos na materia. E Mimi Biscoito, facilmente impressionavel, começa a devorá-lo com os olhos.

Ele, que repara na pequena, pisca-

lhe um olho, não sabemos ao certo qual.

E foi assim que começou um idílio amoroso, de que ela não se esqueceria jámais...

Pouco tempo depois, completada uma meia dúzia de espectaculos, a *troupe* Roskoff abandona a terra. Foi então que nos avistámos com Mimi Biscoito, palida, muito palida, triste, muito triste, os seus labios sanguineos, grossos e lascivos, destacando-se ainda mais do seu rosto agudo e descarnado. E' ela quem nos fala assim:

— Amei-o, amei-o perdidamente, com todas as veras da minha alma. Ainda me lembro daquela noite tão bela, de luar argenteo, em que a brisa que vinha dos labios do mar nos beijava cariciosamente a epiderme, e que ele, com as minhas mãos entre as suas, me jurava um eterno amôr, a que só a morte, possivelmente, poderia pôr um dique.

«E eu, o meu peito arfante, os labios abertos no desejo de pronunciar mil palavras de amôr que não chegavam, mantinha-me muda e queda, vencida pelas doces palavras dele. E então, o meu amôr elogiava-me os meus labios rasgados, fortes e sensuais, pelos quais, dizia, se tinha deixado prender.

— E depois, não lhe deixou sequer uma recordação?

— Não, nada. Partiu sem uma palavra de adeus, deixando-me assim desolada, sem amôr pela vida...

— Nem sequer lhe deixou a recordação de um beijo?

— Sim, deu-me um só, prolongado, inolvidavel, nos meus labios fortes, sensuais, nos meus grandes labios...

Leitor! E' ou não triste?

E' triste, muito triste, intensamente triste, horrivelmente triste...

## MARIO MONTEIRO



# Historia gelada

Ha alguns dias, Lisboa tem sido vítima dum calor muitíssimo melhor que o de Africa. Para fugir á vaga de calor, resolvi escrever uma historia fresca. Convém notar que a historia é fresca quanto á temperatura, unicamente.

Por um acaso, encontrarem-se um dia um esquimó e um espanhol. E vá de contarem as maravilhas das suas terras.

O esquimó, elogiando o frio das suas propriedades polares, depois de citar a intelligencia dos seus cães, para exemplificar melhor a temperatura, concluiu:

— Acredite, D. Pepe, na Groenlandia, o frio é tanto que, quando um homem, no dizer das creanças, faz *chi-chi* ao ar livre, o *chi-chi* fica com a forma duma bengala de gelo.

D. Pepe achou o caso natural, pois que, em Espanha, na Serra Nevada, durante o inverno, os passaros *gelam* no ar.

Como o esquimó era uma pessoa culta, preguptou:

— Diga-me, D. Pepe, e a gravidade, a força que atrai os corpos para a terra?

— Gela tambem! — foi a resposta de D. Pepe.

Esta historia sobre o frio é para ser lida em dias de calor, mas é possível que na quarta-feira, quando o *Sempre Fixe* sair, haja frio e chuva.

Então o calor não fez uma partida aos sabios, que anunciaram um verão sem calor?

Se assim fôr, não me ralo e eles, os sabios, tambem não.

C. C.

# Uma explicação

Muito se tem falado e escrito sobre a expedição ao Polo Norte.

Não admira que, com este calor, haja tendencia para falar em coisas frescas. Mas o que mais agitou a opinião foi o caso daquele explorador que, não tendo mais nada a explorar, se abotoou com o corpo dos companheiros e papou um deles, em substituição do prato de carnes frias que o seu appetite reclamava.

Ora isto, que espantou meio mundo, não é motivo de espantos. Como todos sabem, a fome é negra e a fome negra num deserto branco de gelo — o verdadeiro e tragico preto no branco — é natural que dê volta ao miolo ao mais sisudo.

Não admira, portanto, — dizia-me ontem um amigo, que o pobre rapaz perdesse a cabeça, ficasse transtornado e visse tudo em delírio. Com um appetite devorador, com fome de muitos dias e tendo na sua frente a carne ressequida dum sabio demais a mais succo, que admiração que ele, numa alucinação, o tivesse tomado pelo fiel amigo!

E afinal todos falam indignados, mas não se lembram que na vida anda tudo a vêr quem melhor pode comer o proximo.



— Não tens vergonha de vir para casa nesse estado?

— Perdôa-me, mulher, que já estou bem castigado em te vêr em duplificado.

## Quanto pode o amor

Waldemar Cardiga é, como sabem, aquele romantico poeta cujos versos lapidarios, cantando a lua, exaltando os amores platonicos, aparecem com estonteante frequencia nas colunas das gazetas mais lidas e, em elegantes volumes, nas monstrosas das livrarias. E' um rapaz olheirente, magro e palido, de grandes olhos de goraz vermelhos de pranto que, pelas dores do mundo, deles brota regularmente, mais regularmente do que a agua do Alviela dos contadores da Companhia.

Waldemar Cardiga, que por vezes assina as laboriosas cogitações apenas com as suas modestas iniciais — W. C. — tem uma paixão por semana. O amor é, depois do verso, verso que, como já frizámos, ostenta quasi sempre por debaixo o W. C. tão conhecido e elogiado pela critica universal, é a sua grande preocupação. As suas cartas de namoro são deliciosas e os seus flirts não se ficam no simples murmúrio de uma ou outra frase galante; vão mais longe, sobem mais alto, atingem por vezes uma beleza inultrapassavel e uma violencia dramática que tem feito morder-se de inveja o dr. Ramada. No drama, Waldemar é mais do que um Riada Curto, é — pernada... longa, a cuja sombra deleitosa se acolhem as donzelas sentimentais.

Ha dias, Waldemar Cardiga trabalhava, na esplanada de um casino de moda, um diálogo cheio de beleza, vibração e imprevisto, do qual não poderemos dar aos leitores se não um palido reflexo:

— Serafina, meu herá, minha ventura, luz dos meus olhos, encantamento dos meus sentidos! — exclamava ele, a cabeleira desalinhada, o olhar febril, os labios exangues. — Quero-te tanto, amo-te tanto, adoro-te tanto, que desejaria que todas as desgraças que sobre ti a fatalidade quizesse lançar se despenhassem de preferencia sobre mim.

Serafina escutava-o, encantada, olhos baixos, a blusa gris-perle agitada pela hipotese de seio que palpitava.

— Se um abismo tivesse de abrir-se a teus pés para te engulir, que fosse eu e não tu quem nele se despenhasse! — dizia Waldemar, no auge da exaltação. — Se o destino te condenasse a partir uma perna, antes quebrasse eu todas as minhas pernas! Se...

Ela interrompeu-o brandamente, docemente, languidamente, como que vencida pelo fluido de sedução que de W. C. emanava.

— Escuta, meu anjo — murmurou ela, com trémulos na garganta — se a tua Serafina tivesse uma grande dor de dentes?...

— Antes me arrancassem os dentes todos! — asseverou ele, sombrio.

— E se — ateimou Serafina — me doesse aqui?

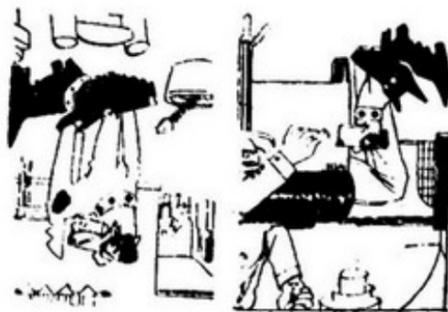
E apontou o cotovelo.

— Antes me doesse a mim — respondeu ele, mais sombrio.

— E's muito gentil, noivo querido — disse ela, encantada. E, mais audaciosa, perguntou:

— E se eu tivesse a infelicidade de ficar viúva?

— Antes enviuvasse eu! Antes enviuvasse eu! — exclamou, abnegado e triste, o palido poeta.



O cão — Assucar? Mas que ideia tão esquisita! Não sabe que eu sou diabetico? Acho bem que os donos queiram emagrecer, mas que não nos dêem sempre carapaus...

**Sortes grandes?**  
só o PINA se vende  
75 — Rua de S. Paulo — 77

## O QUADRO

Quando o tio Ramalho se resolve a realizar uma coisa — revoluciona toda a casa.

Acaba de chegar um quadro adquirido num leilão. O quadro está em cima da mesa de jantar. A tia Vitorina indica o sitio em que preferiria que o quadro fosse colocado.

O tio Ramalho responde:  
— «Não te metas nestes assuntos. Eu me encarrego de pregar o quadro.»

E o tio Ramalho começa por tirar o casaco. Depois manda a criada comprar dez tostões de pregos. Depois manda o sobrinho para lhe relembrar a forma e o tamanho dos pregos.

E' então que começa o verdadeiro trabalho.

— «Guilherme, vai-me buscar o martelo... Tomás, tráz-me o metro... Preciso tambem dum escadote e do banco da cosinha... Tu, José, vais a correr a casa do sr. Jorge, a dizer-lhe:

«O tio manda perguntar se está melhor da perna... E, a proposito, pede-lhe tambem para o senhor emprestar o nivel.»

«Tu, Maria, ficas ali que é para segurares no candieiro... E quando a criada voltar é preciso que torne a sair para comprar corda... Tomás!... Onde está o Tomás?... Anda cá... Dá-me o quadro.»

O tio ergue o quadro e deixa-o cair. A gravura sai da moldura. O tio corta-se com o vidro. Corre atravez da sala, á procura do lenço. Não o encontra, porque o lenço ficou na alçibeira do casaco e não se lembra onde pôs o casaco. Põe-se toda a gente á procura do casaco.

O tio assenta-se e geme:

— «Parece impossivel! Ninguém sabe onde está o casaco! Nunca vi um grupo de azéllhas mais completo! São seis, e nenhum sabe dele...»

Levanta-se furioso e verifica que estava assentado em cima do casaco.

— «Ora ali está! E ful eu que o encontrei... Sou sempre eu quem encontro as coisas cá em casa!»

Ligam-lhe o dedo, trazem-lhe o martelo, o escadote, o banco, os pregos, a corda, o candieiro, o nivel e o metro. Toda a familia o rodeia, incluindo a criada e a mulher a dias. Uns seguram o escadote. Outros ajudam a subir. Este passa os pregos. Aquele oferece o martelo. Os pregos

cáem. E' preciso procurá-los de joelhos, com o candieiro.

— «Quem tem agora o martelo? E' espantoso! Então, vocês são sete e perderam o martelo!»

Encontra-se o martelo. Mas o tio não encontra a marca do prego que tinha indicado a lapis na parede.

Como as opiniões diferem, o tio pega no metro e recomeça as suas complicadas medições:

— «34 centímetros e meio do teto e 1 metro e 10 de canto, descontando 7 centímetros para a moldura...»

Faz calculos. Engana-se nas operações. Tentam ajudá-lo. Mas todas as somas e subtracções estão erradas.

O tio toma uma grande decisão. Inclina-se á esquerda, com uma fita, o que vai simplificar as coisas. E inclina-se até ao limite extremo... O seu corpo faz um angulo de 45 graus com o escadote. Mais tres centímetros e alcançará o canto. Mas tres centímetros chegam para romper o equilibrio e o tio cai sobre o teclado do piano, que ressoa num estranho acorde.

— «...!»

A tia protesta. Porque as creanças não devem ouvir palavrões.

O tio torna a subir o escadote. Agarra no prego com a mão esquerda e no martelo com a direita. A primeira martelada dá a dita acerta no polegar da esquerda. Ouve-se outro palavrão e o martelo cai em cima do pé dum dos espectadores.

Segunda martelada. Desta vez, o prego entra no estuque até á cabeça! Para o tirar é necessario fazer uma excavação na parede.

Tornam-se necessarias novas medições para achar outro sitio, mais acima e mais á esquerda. Para este fim, os rapazes teem que procurar outra vez o metro, o lapis e a fita.

A's duas e meia da manhã, o quadro está finalmente pendurado!

Não está perfeitamente horizontal, nem está perfeitamente seguro. Mas deixá-lo...

No raio dum metro á roda do prego, a parede parece que foi lavrada com um arado de discos... Toda a familia tem um ar fatigado — excepto o tio Ramalho, que salta do escadote com um evidente orgulho:

— «Ora ali está! E ha quem chame um operario para uma insignificancia destas...!»



— Não tens pena de fugir comigo sem te despedires da tua familia?  
— Não amorzinho. O papá e a mamã prometeram acompanhar-me á estação.

## O gosto pela musica

Fez-se agora um festival com musica de Debussy. Tocou-se e dançou-se, o publico aplaudiu freneticamente e temos a certeza de que um grande numero de pessoas que a ele assistiu nem sequer sabe que Debussy é francês. Mas houve palmas. Isto de consciencia e educação musical é uma cantiga! A maioria das meninas que saem do Conservatorio acaba por se dedicar á execução dos charlestons e dos fadinhos das revistas. Mas vão aos concertos para mostrar um casaco de peles caras. Não invento. Tenho exemplos.

Em S. Carlos, ha bons anos, sentava-se a meu lado uma menina elegantissima, com a mamã, bem melhor do que ela, na ocasião em que se estrejava a *Louise*, de Charpentier. Num dos actos, os efeitos de luz dão-nos aspectos de iluminação profusos e de vez em quando o espaço é riscado por hastes luminosas, simulando fogo de artifício. A menina, sobre a musica da opera, nada disse. Muda e queda. Só o fogo de vistas a entusiasmou, e sempre que tal se dava, dizia imediatamente: «Olha que bonito!»

E como esta apreciadora, tantas outras, ainda assim com o bom senso de não... se manifestarem. Essa menina veio a ser mais tarde uma estrela do nosso teatro e, felizmente, para nós que a admiramos, ainda é viva.

De outra vez, um frequentador de opera, no Coliseu, dizia, a proposito da *Luccia de Lamermoor*, que gostava de conhecer o Lamermoor, esse grande musico...

Mas, não se fiquem os portugueses envergonhados com este desabafo. Trata-se agora de estrangetos e nada menos do que alemão, pois na Alemanha ha mais musicos do que em Lisboa ha encontrões na rua do Ouro ás 6 horas da tarde! Cantava-se em S. Carlos a *Tetralogia* de Wagner. Um português amador wagneriano foi ouvir o *Crepusculo dos Deus*, depois de uns meses de preparação. «Oxalá — pensou — que o sono não me ataque». Quando viu que a seu lado se sentava um alemão, disse imperiosamente para si: «Mau, deante dum alemão, se durmo, é um escandaloso». A noite foi uma tortura. Lutou para não dormir. Se o alemão o visse... Mas o Morfeu é inflexivel nos seus designios e venceu o nosso amigo, que só despertou quando a musica mais forte o acordou. Que vergonha! E o alemão? Espanto seu: — o compatriota de Wagner rressonava...

Quantas pessoas teriam dormido agora no concerto de Debussy? Quem não dormiu foi o ballarino Turcifal, que é uma bela revelação. O resto das pessoas... sei lá!

Orfeu.



Sempre Fixe, propõe-se abrir uma subscrição para um monumento, na Junqueira, em loiça das Caldas.

**SEMPRE FIXE** vende-se na Povoa de Varzim, na Livraria Academica Editora.



O que se diz e o que se não deve dizer

# A participação portuguesa no atletismo olimpico

Anda meio mundo desportivo com as mãos na cabeça porque a *équipe* portuguesa de atletismo fracassou por completo em Amsterdam...

Prata de Lima: — Ultimo nas eliminatórias de 100 metros e ultimo nas de 200.

Palhares Costa: — Ultimo na sua eliminatória de barreiras.

Henrique Santos: — Ultimo na eliminatória do *steeple*.

E o nosso representante no Pentatlo tem andado entre o 18.º e o 36.º lugar — o que já não é nada mau, entre 36 concorrentes...

Mas que importa? Que importa isso, se dois reconfortantes telegramas nos anunciam que o doutor Pontes apertou a mão ao principe da Holanda — e que o engenheiro Guedes foi árbitro duma prova de atletismo!

Não chega isto, porventura? Se é certo que os nossos *olimpicos* atletas foram á Holanda esgrimir contra os moínhos — os dirigentes regressam-nos cobertos de louros, com uma auréola de gloria eterna e indiscutível.

A todos nós cabe, por reflexo, um bocadinho do *bacalhau* do principe. E ha quem tenha sentido já na mão a honra do pausinho da bandeira que o árbitro português agitou no estádio de Amsterdam.

E, se em tudo isto é possível uma conclusão sensata — não enviemos mais atletas aos Jogos Olimpícos.

Basta mandar o presidente do C. O. P. com a sua principessa mãosinha — e o seu secretario para agarrar num pau de bandeira ou segurar numa corda.

Para nos prestigiar desportivamente, basta essa diplomacia...

\*\*\*

Os rapazes da vela, capitaneados pelo nosso Frederico Burnay, o *Bibi de Pedrouços*, tem também navegado entre o 7.º e o 14.º lugar, entre 14 concorrentes.

Mas tem-no feito com bravura, com toda a tripulação a bordo — como uns homens...

A má sorte — são os telegramas que o dizem... — fê-los correr com um temporal enorme. O *Camelia* — uma especie de florinha dos mares — até tem andado com as bordinhas debaixo de agua. Malvado temporal aquele, que

só ataca o pobre barquinho português e poupa os seus adversarios. E', decerto, a vingança do Adamastor...

E nem ao menos o Bleck levou um bocadinho do seu antigo oleo da *Shell* para acalmar aquelas selvagens ondas da Holanda...

Ora sébo para as velas!

Dizem para ahí que o publico de Amsterdam nem sequer deu pela participação dos nossos atletas nas provas. E' mental!

Pelo menos, o luso-americano Henrique Santos conseguiu, caindo numa vala de agua, despertar a hilariedade dos espectadores...

\*\*\*

Após quatro jogos sem uma unica victoria, o *Sporting* regressa inopinadamente, despachado em grande velocidade.

Nem ao menos lhe deixaram fazer os *matches* combinados para S. Paulo!

E, á saída do paquete, toda a colonia portuguesa veio ao cais — assoprar...

\*\*\*

Uma popular marca americana lançou ha meses um novo modelo que fez sensação...

Indiscutivelmente, esses carros são mecanicamente, bons. Mas... ao fim de dois ou três meses de uso, as *carrosseries* fazem um barulho dos demónios...

Andámos outro dia num, cujo *klaxon* electrico não funcionava.

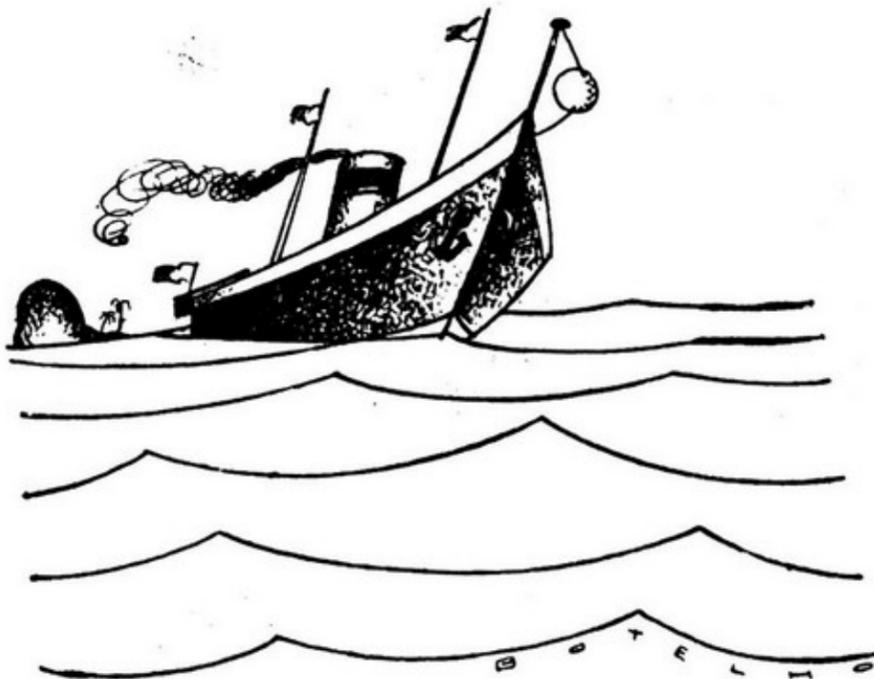
Dizia o *chauffeur*: — «Nestes carros tudo faz barulho, menos a buzina...»

\*\*\*

Ainda sobre estes afamados carros, um agente explicou a inutilidade do marcador de velocidade, porque tem um sistema muito pratico, para o qual basta ter bom ouvido. Assim, quando fazem barulho só os guardalamas, o carro vai a 10 quilometros; logo que a trepidação atinge o *pare-brise*, vai a 20 quilometros; quando o barulho se estende á *carrosserie*, vai a 40, e quando é verdadeiramente infernal vai a 60!

E' pratico, economico e principalmente muito saudavel...

## ESTE NAVIO DERROTATRAZ



Partiram do Brazil, com a bola a meia haste, os Sportinguinhos.



O senhor não tenha medo. Aqui no rio nunca aconteceu nada. Só uma vez, quando ia com um sugelto, assim como o senhor...

e também sem saber nadar como o senhor, voltou-se e barco e calmos á agua mas eu agarrei-o pelo cabelo e saivei-o de morrer afogado.

Olhe meu amigo — diz o passageiro — se agora acontecer o mesmo, agarre-me antes pelos bigodes porque isto que tenho na cabeça é um chinó.

D. F. 25

# ECOS DA SEMANA

## OS PORTUGUESES NOS JOGOS OLIMPÍCOS

(QUEREM RESULTADOS MAIS OLIMPICOS)



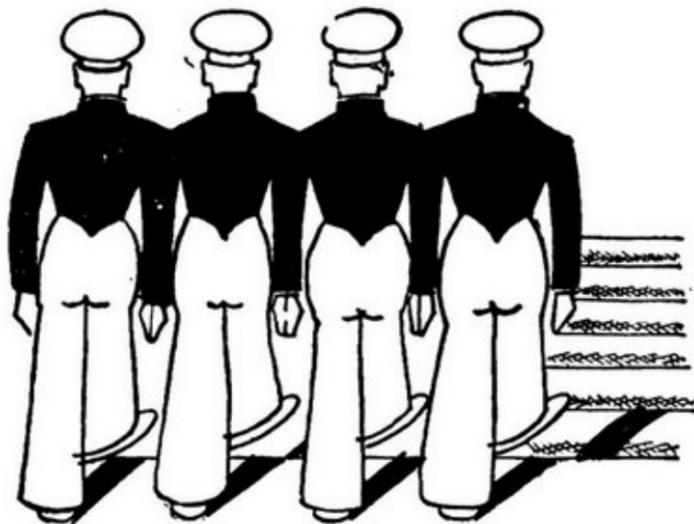
OS 100<sup>M</sup> EM AMSTERDAM - AO LONGE LIMA DE PRATA (BERA).

NAS PROVAS "SUBMARINO A VELA" GANHAMOS O 1<sup>º</sup> PREMIO



MAS EM COMPENSAÇÃO, A ESPADA TRESPASSA OS MAIS DE MEIO MUNDO

A ESQUADRA ITALIANA PISA



FRIZO DECORATIVO (QUE EFEITO FARIA PEREIRA FARIA SE USASSE ESTA FARDA)

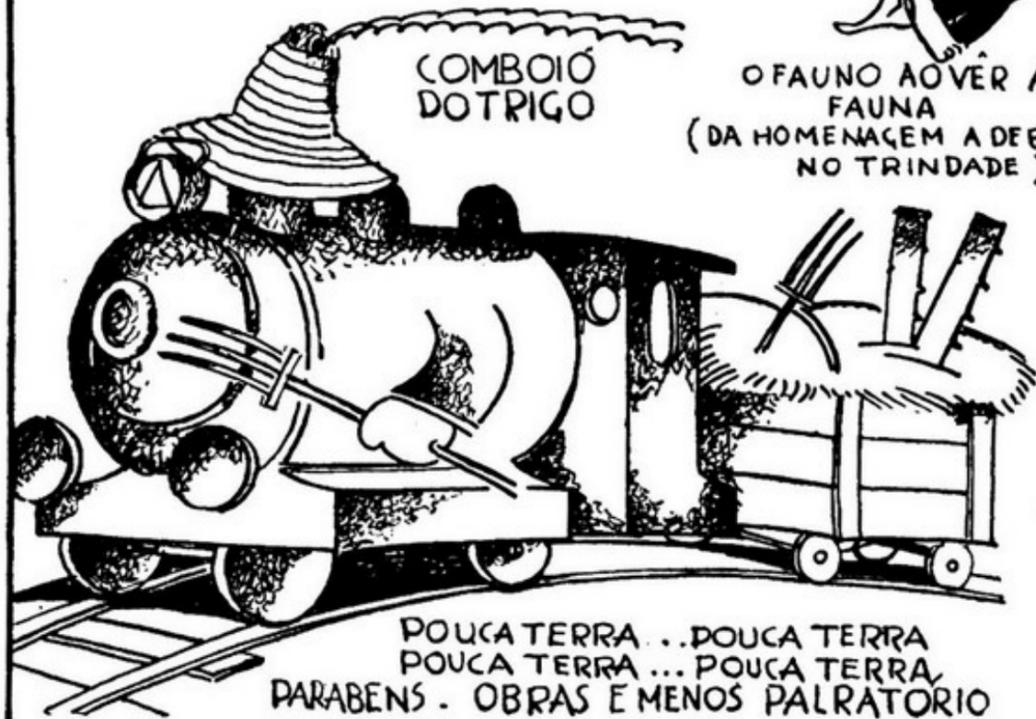
LVIS TURCICAL



ROMANZA SEM PAROLAS DE STOUFEYTOFF



CONSEQUENCIAS DA NOVA ILUMINAÇÃO NA AVENIDA



COMBOIO DO TRIGO

O FAUNO AO VÉR A FAUNA (DA HOMENAGEM A DEBUSSY NO TRINDADE)

POUCA TERRA ... POUCA TERRA POUCA TERRA ... POUCA TERRA, PARABENS - OBRAS E MENOS PALRATORIO



'NAS REGATAS EM PAÇO DARCOS HOU. VELOCIDADES RASMOAS - ALGUMAS CHALUPAS TOMARAM O FREIO NOS DENTES

BOTELHO